

Vivência em Comunidades Rurais Lideradas pelo MST do Município de Mirassol D'Oeste

CUISSI, Rafael G. IFMT - Campus São Vicente, rafaelcuissi@yahoo.com.br; CÓCARO, Henri. henri.cocaro@svc.ifmt.edu.br; BERTUCINI, Claudia. IFCatarinense - Campus Concórdia.

Resumo

A experiência surgiu através do estágio curricular obrigatório para a conclusão do curso Técnico em Agropecuária. O estágio foi voltado para a agricultura familiar com subsídio na agroecologia e aconteceu em comunidades rurais do município de Mirassol D'Oeste. Durante o estagio o aluno conheceu grupos de hortas orgânicas, participou de oficinas, palestras e conheceu um dos acampamentos do MST. A partir desta vivência pode conhecer mais sobre o universo da agricultura familiar, ressaltando seus problemas e dificuldades, propondo soluções e a partir daí verificou os benefícios que a Agroecologia trouxe para os pequenos agricultores da região.

Palavras-chave: Agroecologia, agricultura familiar, reforma agrária.

Contexto

Esta experiência é resultado do estagio curricular obrigatório do aluno Rafael Gonçalves Cuissi para conclusão do curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio oferecido pelo Instituto Federal de Mato Grosso - Campus São Vicente. Esta Instituição de ensino localiza-se no estado do Mato Grosso, um expoente no cenário agrícola devido tanto as condições de clima, solo e incentivos concedidos pelo governo estadual. Tais condições facilitaram nos últimos anos a criação de agroindústrias, a migração de agricultores e mão-de-obra para a região e vem auxiliando o crescimento econômico do estado. Diante desse cenário, as demandas de estágios que surgem na Instituição são predominantemente em empresas características do agronegócio patronal produtoras de *commodities* ou nas grandes agroindústrias. Os estágios em comunidades e assentamentos rurais, associações e cooperativas populares, mini agroindústrias caseiras têm sido menos demandados apesar destes também se apresentarem como espaços enriquecedores para a aprendizagem e verificação de conhecimentos construídos durante o curso.

Assim, o objetivo dessa experiência foi a de vivenciar o campesinato em assentamentos e acampamentos rurais que utilizavam ou não práticas agroecológicas, relacionando-as ao MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). A partir da vivência, conhecer como funcionava a política, economia, filosofia, formas de trabalhos e luta dos agricultores para apresentá-la na forma de defesa de estágio e divulgar esse campo de atuação profissional para o técnico em agropecuária.

Descrição da Experiência

O estágio foi realizado e intermediado pela FASE-MT (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional do Mato Grosso), com o direcionamento do estagiário para as comunidades rurais da região de Cáceres – MT, na qual vivenciou as práticas, experiências e modo de organização de agricultores familiares. Esta vivencia realizou-se no período entre 07 de janeiro de 2008 a 16 de fevereiro de 2008, perfazendo um total de 252 horas, e desenvolvendo-se como segue abaixo.

Temporada no Assentamento Roseli Nunes

Esse assentamento está localizado no município de Mirassol D'Oeste (região de Cáceres-MT). É um assentamento de grande extensão, totalizando 15 mil hectares, liderado pelo MST. É um território bastante articulado, com organização político-econômica bem estruturada. Nesse assentamento os seguintes grupos/projetos foram visitados: Associação Regional de

Produtores/as Agroecológicos, Oficina de Farinha de Babaçu, Casa da Cultura.

Associação Regional de Produtores/as Agroecológicos - ARPA

Das 331 famílias assentadas 95 fazem parte desta organização (a FASE acompanha as famílias com o Projeto de Promoção das Práticas e Princípios da Agroecologia), divididas em 12 núcleos/grupos. Esta é uma organização liderada pelas próprias famílias assentadas.

Seu objetivo era a produção de hortas comunitárias sem o uso de adubos sintéticos ou qualquer tipo de agrotóxico (hortas orgânicas), seguindo os princípios da agroecologia. Como regra geral este grupo estabeleceu que a produção seria destinada primeiramente para o autoconsumo sendo os excedentes comercializados para a CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. A CONAB distribuiria a produção das hortaliças para as escolas públicas da região de Mirassol D'Oeste. Os agricultores da associação faziam o planejamento do que cada grupo deveria produzir e o repassava para a CONAB. Porém, no momento do estágio a prioridade estava invertida, ou seja, primeiramente comercializavam para a CONAB. Isso aconteceu porque no ano de 2007, a maior parte dos grupos não conseguiu cumprir o planejamento da produção. Deste modo a ARPA em acordo com a CONAB, decidiu que, nos primeiros meses de 2008, as hortaliças produzidas seriam destinadas para quitar a dívida de 2007.

Oficina de Farinha de Babaçu

No início de 2008, uma das assentadas, a Dona Emilia, que faz parte da Frente de Formação do MST, ministrou uma oficina de Farinha de Babaçu com o objetivo de formar um grupo de mulheres agroextrativistas. Dona Emilia, na parte da manhã, mostrou os trabalhos, as publicações, jornais e revistas que falavam da importância das mulheres no mercado de trabalho e como elas estão sendo valorizadas e percebidas hoje. Também falou um pouco de outros grupos de mulheres que trabalham com o coco de babaçu, como o grupo das Margaridas (localizado no assentamento Margarida Alves) e também o grupo Dandara, comentando a estrutura organizacional dos dois grupos. Na parte da tarde ela realizou uma demonstração no campo sobre extração e armazenamento do coco de babaçu¹. Depois da extração também realizou uma demonstração sobre processamento do fruto para obtenção da farinha. Depois de colhidos, estes foram lavados, enxugados e descascados, retirando só a casca superficial com a faca e sempre deixando o mesocarpo (entrecasca). O mesocarpo então foi ralado até chegar ao endocarpo (o coco propriamente dito), repetindo este processo em todos os frutos colhidos. Após a conclusão da primeira etapa, todo o mesocarpo ralado foi peneirado até retirar todos os fiapos, repetindo-se o processo caso fosse preciso. A oficina terminou com a degustação da farinha de babaçu na forma de um delicioso mingau. Percebeu-se que todas as mulheres gostaram e ficaram animadas, decidindo fazer mais reuniões para dar continuidade ao novo grupo. Todas as atividades realizadas naquele dia foram registradas pela Dona Ana em um relatório em que todas as participantes assinaram.

Casa da Cultura

A Casa da Cultura é um projeto recente e tem como objetivo integrar os jovens do assentamento tornando-os mais participativos. A iniciativa foi de um integrante do MST, o Zé Geraldo, que via a necessidade da formação de um grupo cultural para realizar oficinas de dança, música, teatro, artesanato, poemas e poesias. O grupo queria apresentar os trabalhos em reuniões, convenções, congressos e encontros do próprio movimento (MST) e também a venda do artesanato produzido. Este projeto possuía parcerias e o apoio de entidades religiosas, sendo a Rede de Economia Solidária do Mato Grosso uma delas. Nos dias 19 e 20 de Janeiro de 2008 os jovens do grupo realizaram um encontro de formação, através da Casa da Cultura, na Escola Estadual Madre Cristina, localizada no próprio assentamento. Eles realizaram oficinas de Agitação e Propaganda,

¹ Os cocos que estão no chão não devem ser coletados. Para a extração na palmeira, basta uma simples cutucada no cacho maduro. Os cocos que caírem devem ser rapidamente apanhados e colocados em um saco.

Gêneses do MST e de Economia Sócio-Solidária. Especificamente na oficina de Economia Solidária foram discutidos temas como: “o que é economia solidária?” e “história do cooperativismo no Brasil e Mato Grosso”, com a exibição de vídeos.

Temporada na Secretaria do MST e Acampamento Silvio Rodrigues

Após a saída do assentamento Roseli Nunes, o estagiário ficou hospedado na secretaria do MST (região oeste de Mato Grosso), localizada na cidade de Cáceres – MT. Durante este período conheceu um pouco da origem, história, organização e filosofia do movimento. Também conheceu, intermediado pela própria secretaria do movimento, um acampamento chamado Silvio Rodrigues, localizado na própria região. Este acampamento tem mais de 7 anos, iniciando-se em 22 de abril de 2002 com 450 famílias. Após um ano de acampamento ultrapassou-se 2.000 famílias, sendo que hoje estão acampadas apenas 130. Essa redução ocorreu por dois motivos: em função da migração dos acampados para novos acampamentos e por desistências em virtude do longo período de permanência no acampamento. A demora na efetivação da conquista pela terra levou ao consumo de recursos financeiros e conseqüentemente na perda de esperança.

A vivência no acampamento mostrou um local bem organizado, com uma estrutura básica na área de saúde e educação. Na área de saúde havia o atendimento de primeiros socorros para os feridos e doentes através da farmácia comunitária. Já na área de educação, havia uma extensão do Colégio Estadual Campos Vidal do Município de Mirassol D'Oeste, com formação do ensino básico completo, na qual os professores são do próprio acampamento. A sobrevivência das famílias se dava pelo auxílio de parentes próximos, outras viviam de subemprego e a maioria cultivava hortaliças (abóbora, quiabo, tomate, pepino, melancia, alface, almeirão, couve, rúcula), grãos, tubérculos e frutas (milho, arroz, feijão, mandioca, banana e mamão) para subsistência. Também cultivavam plantas medicinais para a elaboração de remédios caseiros e produziam artesanato com bordados e crochê para aumentar a renda.

Resultados

Através destas vivências pode-se perceber que o grande problema no grupo das hortas (ARPA) é a resistência às práticas agroecológicas, onde os próprios integrantes dos grupos pensam que a produção agroecológica é igual à convencional, se diferenciando apenas por não empregarem agrotóxicos. Por isso continuavam com o mesmo pensamento e comodismo da agricultura convencional. Uma sugestão para diferenciar estes pensamentos (convencional x agroecológico) seria o estabelecimento de grupos de estudos permanentes nos assentamentos para aprofundamento das práticas agroecológicas. Essas práticas visam um entendimento sistêmico do manejo do solo, plantas, água e ar, entendendo-os como um conjunto inseparável, onde a falta de cuidado de um prejudica o outro, colocando sempre como ultima opção o uso de caldas, pois estas são de caráter curativo e não preventivo.

Outro assunto que poderia ser discutido é o objetivo das hortas comunitárias. Estas deveriam priorizar o consumo próprio independente da situação e seus excedentes comercializados. Mas o que foi visto foi totalmente contrário e com isso percebeu-se que as famílias estavam totalmente dependentes das hortas como a única forma de renda, deixando ao abandono os seus lotes, que deveriam ter prioridade. Acredita-se que ao fazer um novo planejamento de atividades para os assentados, com o objetivo de tornar as suas parcelas mais equilibradas, com maior diversidade e riqueza de alimentos, deve-se enfocar uma menor dependência de produtos externos, fazendo com que as hortas comunitárias sejam apenas uma alternativa a mais para agregar valor à renda familiar.

Pode-se perceber também que a Economia Solidária é um movimento de contrapartida onde as pessoas aprendem a se doar mais. No estado de Mato Grosso o cooperativismo iniciou-se

basicamente para mascarar o empreendedorismo capitalista, no qual as pessoas acabavam ainda mais subordinadas e com menos direitos. Os empreendimentos econômicos ou culturais solidários apresentam uma lógica diferente. Nesses a gestão é realizada pelos próprios participantes incluindo as finanças, trocas de mercadorias e consumo consciente. Forma-se então redes e cadeias produtivas com base no cooperativismo e associativismo popular que favorecem a inclusão social, rumo a sustentabilidade. Uma alternativa perfeitamente possível de libertação do capitalismo, já que em primeiro lugar valoriza o ser humano, estimula o respeito e valorização do trabalhador e envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural.

O ponto chave para a resolução destes problemas seria a criação, nos acampamentos, de grupos de estudos para formação em Agroecologia e Agroextrativismo. Os objetivos desses grupos seriam a produção de hortas comunitárias agroecológicas, o incentivo do uso de plantas medicinais para remédios caseiros, o trabalho com banco de sementes, a formação filosófica crítica e revolucionária dos jovens nos ideais da agricultura alternativa, da economia solidária entre outros. Essa formação colaborará para tornar os acampados, futuros assentados, mais críticos e resistentes ao atual modelo de agronegócio, que cada vez mais vem destruindo a agricultura familiar.

A preocupação e o trabalho do MST devem ser constantes, através da realização de trabalhos, projetos, palestras e cursos dentro e fora dos acampamentos. Acredita-se que o MST utilizando os princípios agroecológicos pode formar um conjunto de idéias revolucionárias para transformação social e levar mais esperança à humanidade por meio da realização dos seus sonhos, lutas e conquistas. Ao realizar a pergunta “Por que uns tem tão pouco e outros tem muito?” é que a integração dos objetivos do MST e da Agroecologia fica mais clara. Na verdade é mostrando a sua bandeira, revoltando-se contra qualquer injustiça, agressão e exploração contra a pessoa, a humanidade e a natureza, praticando sempre a solidariedade através da luta democrática é que o MST leva à sociedade a reflexão sobre as causas daquela pergunta.

A principal dificuldade para a aplicação da agroecologia na Instituição é a falta de apoio aos estudos e práticas agroecológicas, sendo as mesmas realizadas por alguns professores e alunos. Já nos assentamentos e acampamentos percebe-se a falta de empenho e dedicação por parte dos moradores, que têm receio das novas práticas agrícolas. Entretanto, percebeu-se um problema comum a todos (professores, assentados, acampados e estudantes): a falta de convencimento de que a Agroecologia é uma alternativa eficaz no combate as problemáticas mundiais.

No decorrer desta experiência ficou claro que estágios de vivência com a agricultura familiar devem ser fomentados no IFMT-Campus São Vicente, bem como em outras instituições de ensino agrícola do país. Estágios nessa área proporcionam a percepção de novas dimensões políticas, culturais, sociais, econômicas e ambientais. Constatou-se, enfim, que essas dimensões contribuem para a formação de um profissional de ciências agrárias que valoriza o homem e preocupa-se com o mundo em que vive.